

A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA E DOS PRINCÍPIOS BIOÉTICOS NA VIDA E PRÁTICA DO EDUCADOR

Marcos Alexandre Alves*

Resumo: O texto contempla uma abordagem filosófica e destaca a importância da resignificação da dimensão ética no campo da educação tomando como referência os valores bioéticos. A intenção é propor uma reflexão crítica sobre os fundamentos da educação, tendo em vista uma formação ética, comprometida com os valores e a construção de uma subjetividade cidadã e fraterna. A educação não pode servir apenas para ensinar a ler, escrever e contar, senão para formar homens que sejam sujeitos de sua história, e que tenham a possibilidade de desenvolver suas potencialidades e produzir novas condições para ler e compreender o mundo. Portanto, o papel da educação ética deve ser o de gestar as condições para um pensar crítico e reflexivo, um agir livre, consciente e responsável e um conviver cuidadoso com os demais seres e, sobretudo, voltado para a construção de uma sociedade justa e pacífica.

Palavras-chave: Ética; Educação; Bioética; Humanização.

Introdução

A preocupação com a ética está hoje presente em toda sociedade. Não porque lhe seja dedicada maior estima ou particular fidelidade, mas precisamente porque sentimos sua falta. Generalizamos o sentimento de que a vida humana e a sociedade precisam ser revistas à luz da ética, sob pena de caminharmos sem rumo para os maiores desastres, senão para o completo caos, perdendo a possibilidade de sermos felizes e de alimentarmos a esperança de um mundo de paz e justiça. Como enfrentar a atual carência ética? Pretendemos mostrar que há um caminho que não pode ser negligenciado, quando buscamos construir um mundo humano, uma sociedade ética: a educação. Como, porém, educar eticamente? Será que, no campo pedagógico, existe lugar para a questão de ética? A pedagogia poderia ser confrontada com um questionamento e com um engajamento ético? O objetivo da presente reflexão é analisar a importância da ética no processo educativo, ou seja, intencionamos investigar a

* Doutor em Filosofia da Educação - PPGE/UFPEL. Mestre em Filosofia - PPGF/UFSM. Licenciado em Filosofia - FAFIMC. Professor Adjunto na UNIFRA e FAPAS. E-mail: alves.mar@bol.com.br

indispensabilidade que assume a dimensão ética no desenvolvimento responsável do educando, na prática educativa para a formação de um pensar e agir humanos. O que preside as atividades pedagógicas? Qual o princípio imediato que sustenta e exprime a qualidade em educação? Defenderemos a promoção da dimensão ética na educação pela necessidade de reconstruirmos o modo de estabelecimento das relações entre todos os envolvidos no cenário educativo, educadores e educandos, tendo presente as diferentes características do agir humano, radicado na sensibilidade e na humanização.

A passagem rápida pelos desafios que emergem de nossa epocalidade histórica e educacional nos confirma a necessidade de encontrar uma nova configuração para o saber, a fim de se confrontar com um mundo marcado pela primazia do sistêmico. Neste cenário em que se constata a crise do saber, da subjetividade e do humanismo, cabe a ética, em particular ao seu ensino, responder e proporcionar com esforço a reconstrução da dimensão crítica do saber humano. Ou seja, ela deve ter como preocupação fundamental o desenvolvimento de um processo efetivo de humanização. Assim, objetiva-se, nesta investigação, mostrar que a primeira preocupação do processo educativo não pode ser com a mera formação dos funcionários de um sistema vigente, mas com o ato de personalização da pessoa, com o processo de emancipação da liberdade do homem. Trata-se, de dar ao homem um quadro referencial básico, em que ele possa situar-se de modo responsável e livre ao agir no mundo. Qual é o verdadeiro papel da educação no atual momento? E qual a contribuição que a ética pode dar para isto? Ora, pretende-se, aqui, defender que a educação necessária continua sendo aquela que consiste na promoção inadiável da ingenuidade em criticidade, o que implica efetivar em todas as esferas da vida uma atitude ético-crítico. Portanto, educar eticamente é abrir espaço para um procedimento crítico, para a emergência da força de emancipação da razão na vida humana; é desenvolver a criticidade, é capacitar-se a denunciar a desrazão travestida de razão. Pois, um ensino, digno deste nome, é o que alimenta a reflexão questionadora e a responsabilidade em transformar um mundo que se afastou da razão, ou seja, possibilitar ao educando a abertura da vida toda à razão.

1 Educar é humanizar: a importância da ética no campo educativo

Hoje, qual o desafio que nós educadores temos pela frente? Primazia do sistêmico, do material, do técnico... A primeira preocupação da educação não pode ser com a mera formação dos funcionários de um sistema vigente, mas com o ato de personalização da

pessoa. A educação deve proporcionar ao homem um quadro referencial básico onde ele possa situar-se de modo responsável e livre ao agir no mundo.

Qual é verdadeiro papel do ato educativo, no atual momento em que a educação parece perder a batalha contra as forças do interesse material, mesquinho, imediato e consumista? Segundo Hannah Arendt (2003), a função do ato educativo, resume-se em humanizar o ser humano. Ou seja, o verdadeiro papel da educação: a) Não se restringe somente à qualificação de um agente para operar na forma que lhe é devida, meramente técnica, mas com seu perfil, capacidades e habilidade enquanto agente humano; b) Não vai depender apenas da fidelidade ao modelo de produção ou de consumo, mas, a fidelidade ao modelo de sociedade e de ser humano que se tem em mente; c) Não poderá ser pensada em termos exclusivos da satisfação da clientela tal qual é, pois o educador trabalha com a perspectiva do sucesso dos educandos; d) Não basta estarem satisfeitos com a Escola. Não é suficiente que estudem somente para satisfazer a um exame ou concurso, nem para exercer uma mera função social ou econômica, mas para se realizarem efetivamente como seres humanos.

Neste sentido, concordamos com Chico Alencar (2001) que define o ato educativo como um ensinar a olhar para fora e para dentro, superando o divórcio, típico de nossa sociedade, entre objetividade e subjetividade. Ora, defendemos, que o processo educacional não é alcançado unicamente através da soma das qualidades técnicas do sujeito, da fidelidade ao modelo econômico e da satisfação, mas se constrói no desenvolvimento do ser humano. Ou seja, o grande papel da educação, qualidade indispensável para que os humanos atinjam esta condição, é desenvolver o senso ético do educando.

Por ser um complexo humano, a educação nunca se impõe sozinha, mas é a soma de uma série de outros componentes além da ética, que são também indispensáveis indicadores do progresso em educação. Entre eles destacam-se: utilização dos meios e técnicas de transmissão e problematização do conhecimento; o aspecto organizacional (infra-estruturas, práticas pedagógicas) e; e papel humano dos atores da atividade pedagógica.

O progresso na educação só poderá ser alcançado pelo critério ético do plenamente humano aliado ao perfeito entrosamento entre o perfeito domínio da técnica de ensino, da organização apropriada, da excelência das atividades pedagógico-administrativas e da qualidade das inter-relações humanas, consideradas entre si.

2 A ética na vida do professor

Ao longo da história do pensamento ocidental, muitos foram os pensadores que se propuseram a definir “ética” e “moral”, e a grande maioria deles costumava afirmar que a moral é um conjunto de regras aceitas livre e conscientemente pelo homem em sociedade, ou seja, a moral é considerada um padrão de conduta, de comportamento que indica e convida o homem a viver e fazer o bem, enquanto que a ética seria uma ciência, uma teoria, uma saber, portanto uma reflexão sobre os problemas morais (VÁZQUEZ, 2002).

A questão que surge disto é a seguinte: que tipo de reflexão é postulada por esta ciência chamada ética? A primeira certeza que o eticista deve ter presente quando se propõe a fazer uma investigação ética, isto é, uma análise racional sobre o comportamento humano é de que a ética não é uma reflexão desvinculada do mundo circundante: ela é uma teorização sobre a prática, sobre práxis, sobre a vida, e não só sobre a vida ideal, mas sobre a vida real, como é e como realmente poderia ser.

A ética é uma reflexão que permite ao ser humano comparar a vida real, o seu cotidiano, o seu dia-a-dia, enfim o seu contexto histórico, social, político, econômico, cultural, religioso e educacional com as possibilidades reais e ideais. Portanto, quando falamos em ética, temos que começar meditando sobre a nossa vida real, situada numa circunstância concreta e singular.

A partir dessas ideias preliminares, torna-se oportuna e necessária uma reflexão crítica sobre a “ética na vida do professor”. Quem somos nós professores? Qual é a nossa identidade? Qual é o papel social atribuído a nós pela sociedade contemporânea? Não somos professores apenas ocasionalmente, por algum acidente, mas profissionalmente, vale dizer, vivemos a tarefa do ensino como nossa profissão. Ensinar é trabalho para o qual nos sentimos chamados, a forma de atividade com que resolvemos servir nossa comunidade, ou sociedade em que estamos inseridos desde que nascemos.

Todas as profissões estão diretamente relacionadas com as virtudes, ou melhor: as virtudes profissionais uma vez bem executadas tornam o profissional virtuoso, ou ainda, que só podem ser bem executadas quando o profissional é virtuoso. Ora, se remontarmos a etimologia, as raízes gregas da palavra “virtude” verificaremos que ela significa qualidade destacada, uma força, uma capacidade superior, enfim uma “excelência” ou distinção frente aos comuns.

A virtude assume, por conseguinte, ao longo da história, um sentido tipicamente moral, concentrou-se sobre o fazer bem as coisas, em suma, fazer o Bem. Nesse sentido, as virtudes são figuras concretas, formas de comportamento estabelecidas dentro de certas tradições, culturas e corporações, e estas culturas e corporações desenvolveram e continuam a desenvolver padrões de qualidade que refletem sobre as responsabilidades que tornam um profissional melhor que outro, ou seja, mais próximo do ideal daquela profissão.

Essa pequena reflexão nos permite identificar e perceber um problema que, muitas vezes à luz de uma rápida análise, se mostra indetectável e imperceptível: até que ponto a profissão de professor está institucionalizada? Temos um “código” escrito para a nossa profissão, um código de ética, uma deontologia específica? Precisamos ter um tal código? Um código de ética profissional para os professores seria importante? Para quê? Por outro lado, temos conselhos profissionais, ou possuímos apenas sindicatos com função específica de defender nossos direitos?

Uma profissão estabelecida costuma desenvolver certas regras de deveres e responsabilidades para com a sociedade, clientes, colegas e classe profissional, que defendem as *boas práticas*, ou seja, as virtudes profissionais e, com isso, salvaguardam o bom nome da profissão. Um mau médico pode ser suspenso, um engenheiro incompetente é punido por seu conselho, um advogado que transgride as regras de sua profissão não ficará sem advertência. E nós professores, quais as virtudes, os deveres e as obrigações que se deve esperar de um professor?

3 Os princípios Bioéticos na prática docente

Uma possível tentativa de resposta propositiva, a estes questionamentos colocados anteriormente, poderia ser esboçada a partir da área da Ética Aplicada, mais especificamente da “Bioética”, que tem produzido uma reflexão muita rica e profunda, nos últimos trinta anos (BEAUCHAMP; CHILDRESS, 1992). A Bioética é uma reflexão que faz uma ponte entre os conhecimentos científicos - inicialmente mais vinculada à área da saúde, mas hoje aberta às todas as áreas do conhecimento humano: ciências humanas; sociais aplicadas; tecnológicas - e os valores filosóficos. Ora, intencionamos extrair da Bioética em especial de seus princípios - autonomia; não maleficência; beneficência e justiça - algumas perspectivas para a reflexão sobre o nosso trabalho na educação.

Foi com Kant que se firmou a idéia de que a ética é a esfera do universal, e que o bom critério da ética é a possibilidade de universalização de nossas máximas (KANT, 1997). O formalismo kantiano, ainda que monológico, é completado com perspectivas da ética do discurso, onde a argumentação racional se mostra em suas formas dialógicas, que buscam respeitar os interesses de todos os atingidos.

O *princípio do respeito pela dignidade da pessoa humana* contém uma formulação ética bem próxima da maneira contemporânea de pensar e agir. Kant já dizia que não se pode tratar a humanidade, em nós ou nos outros, apenas como um meio, que é preciso tratá-la como “fim em si mesma” (KANT, 1997). Isto significa dizer que os nossos estudantes jamais podem ser encarados ou tratados como um meio à nossa disposição, como nossas cobaias. Nesta mesma perspectiva poderíamos avançar e perguntar o que significa na prática tratar nossos colegas professores, diretores, funcionários, bibliotecários, porteiros e assim por diante com respeito, ou seja, dignamente? Significa aceitar, tolerar e até mesmo apreciar as diferenças do Outro.

O que significa, na prática, respeitar os nossos estudantes em sua dignidade? Significa ver neles as pessoas maduras que ainda não são nem precisam ser, mas que logo adiante poderão ser; amá-los, investir, dedicar-se, sentir carinho por eles, acreditar que eles poderão transformar-se em grandes personalidades; dizer “isto eu não sei, mas vou estudar e na próxima aula trago uma boa pista”; objetividade científica, respeito pela matéria, verdade que precisa ser conhecida; o respeito precisa estar presente na estruturação de um currículo, de uma disciplina, de um plano de ensino e na metodologia de sua execução; e, enfim, o respeito precisa se manifestar até nos corredores, na convivência do dia-a-dia, na cortesia.

E o *princípio da justiça*, o que exige de nós, professores? Exige necessária e obviamente, muita objetividade da hora da avaliação. Não podemos nunca, enquanto educadores, nos deixarmos arrastar pelos preconceitos, estereótipos; acreditar que o estudante pode sempre surpreender-nos, pode crescer e desenvolver-se cognitivamente e afetivamente, e aliás, é exatamente para isto que está diante de nós, para progredir em todos os sentidos; é também uma questão de justiça compartilharmos as alegrias e descobertas que fazemos em nossa matéria. Um adágio já dizia: o bem quer difundir-se; se é bem, é bom que seja compartilhado (ARISTÓTELES, 2001). Desta forma, em todas as áreas do conhecimento, o bom professor deve ser louco por comunicar seus conhecimentos aos outros, ou seja, o bom professor é o professor virtuoso; em uma época em que o conhecimento evolui muito rapidamente, o professor deve apostar mais nas habilidades do que na informação. A

transmissão do método de trabalho e de pesquisa é mais formativa do que o assegurar-se de que o estudante memorizou a informação que se tentou transmitir.

O *princípio da não maleficência* enfatiza que devemos fazer o bem e evitar o mal. É bastante evidente, que nós professores no Brasil somos uma classe maltratada, mas nem por isso devemos transmitir aos nossos estudantes as seqüelas das nossas frustrações, isto é, devemos saber separar nosso trabalho de nosso salário, para não rebaixarmos o trabalho à altura do salário, até porque as pessoas são pagas de várias formas: não só com dinheiro; devemos sim por uma remuneração digna, mas não condicionarmos ao pagamento o nosso melhor desempenho, não transmitamos aos estudantes as conseqüências de nossa insatisfação.

Em nome do *princípio da Beneficência*, além de não fazermos o mal aos nossos colegas e estudantes, temos de fazer o bem. Qual o maior bem que lhes podemos fazer? Transmitir-lhes, com grande amizade, com carinho respeitoso e com respeito carinhoso, o fruto de nossos estudos. O professor deve ensinar as verdades que ele realmente ama, e deveria ensiná-las por amor, ou pelo menos por respeito aos estudantes.

Considerações finais

Acredita-se que esta aproximação reflexiva dos princípios filosóficos da Bioética à prática educativa, poderá possibilitar uma resignificação dos valores fundamentais na prática educativa. E, este parece ser o grande desafio que os educadores têm pela frente, resgatar a importância dos valores na educação. Em última análise, defendemos que a maior lição ou ensinamento ético é o exemplo. E o maior de todos os exemplos é o amor.

Portanto, conclui-se que estamos na década das pessoas e das grandes transformações. A universidade e as outras instituições sociais fazem parte desse grande contexto global de mudanças. Nesse sentido, requerem-se profissionais mais críticos, criativos, que participem e empreendam. Um profissional mais inteiro e com mais consciência dos valores da vida, do seu papel enquanto agente de mudança, não sendo apenas um catalizador do processo. Para tanto, é preciso haver o resgate dos valores da liberdade, responsabilidade, justiça, cuidado, respeito e dos já consagrados pilares da educação: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (DELORS, 2001).

Referências

ALENCAR, C. Educar é humanizar. In: **Educar na esperança em tempos de desencanto**. GENTILI, P.; ALENCAR, C. (Org.). Petrópolis: Vozes, 2001.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: Editora UnB, 2001.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBERT, F. **A questão da ética no campo educativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 1997.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.